



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

BRUNA DA CRUZ MENEZES

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA OBRA A SOMBRA DO
PATRIARCA.**

ITABAIANA/SE

2017

BRUNA DA CRUZ MENEZES

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA OBRA A SOMBRA DO
PATRIARCA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
(DLI) da Universidade Federal de Sergipe,
Campus Prof. Alberto Carvalho, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Orientador (a):

Prof^a. Dr^a. Vilma Mota Quintela

ITABAIANA/SE

2017

AVALIAÇÃO PARA ASSINATURA DA BANCA

BANCA EXAMINADORA

PROF.^a. DR.^a. VILMA MOTA QUINTELA

ORIENTADORA

PROF.^a M.^a. ELLEN DOS SANTOS OLIVEIRA

AVALIADORA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, obrigada meu Deus! Obrigada por ter me dado sabedoria, paciência e coragem para concluir mais uma etapa.

A vida é o resultado de escolhas, por isso optei por estudar e perseverar por um sonho: ser formada em Letras- Português. Foram quatro anos e meio, nove períodos, tempo suficiente para adquirir um bom entendimento da língua, palavras, variações. Mais um sonho está se concretizando, estou muito feliz por mais uma etapa vencida.

Não foi fácil conciliar trabalho e faculdade, mas a vontade incessante de adquirir conhecimento, e de vencer sempre falou mais alto. Muito esforço, muitas horas sem dormir, muitas lágrimas, mas por outro lado, sempre tive muita força de vontade, e muito apoio. Apoio de pessoas especiais, a quem dedico essa conclusão, pois com certeza sem elas não teria conseguido.

Minha mãe Fátima, e meu Pai Adelmo, obrigada pelo cuidado, obrigada por sempre fazerem o melhor por mim, e sempre se dedicarem para me ver bem. Tudo, absolutamente tudo que sou e que tenho hoje, devo a vocês. Infinitamente obrigada! Agradeço a minha irmã Talita pelo conhecimento compartilhado e por sempre me ajudar quando necessário, nessa última etapa ela foi fundamental, me auxiliou, me tranquilizou, enfim foi companheira até o fim, obrigada! Agradeço a meu irmão Adriano, aprendi muito sobre a vida com você, tenho-o como exemplo de coragem e honestidade. E não posso deixar de agradecer a minha sobrinha amada Lorena, sempre me transmitindo tranquilidade, esperança e alegria, vê-la feliz, é minha maior felicidade.

Agradeço a minha amiga, companheira de trabalho Gilvânia, que nessa última etapa me apoiou muito, obrigada pelo incentivo, pelas preocupações, conselhos, broncas, muito obrigada, por sempre está disposta a me ajudar.

Agradeço também a meu noivo Heverton, pelo carinho, compreensão e atenção de sempre, pelo cuidado e por sempre está presente quando preciso. Meus amigos de curso, Viviane, Bruna Mota e Everton, obrigada queridos pelo carinho, vou leva-los para sempre em meu coração. Também a Dani, Edson, Andriele e Jussany, obrigada pelo conhecimento compartilhado, vocês são inesquecíveis.

E por fim agradeço a professora Vilma, obrigada pela orientação, por ter me passado além de conhecimento, tranquilidade e segurança, muito obrigada.

[...] se pode esperar tudo de quem olha para frente, de quem caminha
com algum objetivo.

Alina Paim (A Sombra do Patriarca)

RESUMO:

Em *A sombra do Patriarca*, Alina Paim ressalta o poder do patriarcado e a opressão da mulher no Nordeste, na década de 30. Trata-se de um romance instigante, que apresenta personagens femininas com características distintas, porém com uma coisa em comum: todas vivem à sombra de um patriarca, Ramiro, homem de posses, que humilha seja lá quem for para ter sempre mais. Neste trabalho, busca-se refletir sobre o papel da mulher na sociedade brasileira da primeira metade do século XX, estabelecendo-se relações entre a obra e a realidade que lhe serve de referente histórico. Além disso, é apresentado um panorama da vida de Alina Paim, escritora, infelizmente, ainda ignorada no campo da literatura brasileira. Mulher, mãe, escritora e militante partidária, Alina Paim, em sua obra, enfoca a luta da mulher em busca de autoafirmação em um contexto social precário e adverso, trazendo à tona as contradições que marcam a sociedade brasileira na época representada.

Palavras-chave: Romance Social. Relações de Gênero. Sociedade Patriarcal. Representações do feminino.

ABSTRACT

In *The Shadow of the Patriarch*, Alina Paim emphasizes the power of patriarchy and the oppression of women in the Northeast in the 1930s. This is a provocative novel that features female characters with distinct characteristics but with one thing in common: all live in the shadow of a patriarch, Ramiro, a man of possessions, who humiliates anyone to always have more. In this work, we seek to reflect on the role of women in Brazilian society in the first half of the twentieth century, establishing relationships between the work and the reality that serves as historical reference. In addition, a panorama of the life of Alina Paim, a writer, unfortunately, still ignored in the field of Brazilian literature, Woman, mother, writer and party militant, Alina Paim, in her work, focuses on women's struggle for self-affirmation in a precarious and adverse social context, bringing to light the contradictions that mark the Brazilian society in the time represented.

Keywords: Social Romance. Gender Relationships. Patriarchal Society. Representations of the feminine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1- BREVE QUADRO BIOGRAFICO.....	12
2- A MULHER ESCRITORA FRENTE AS LUTAS SOCIAIS.....	16
3- A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ALINA PAIM E SEU CONTEXTO HISTÓRICO.....	18
4- A SOMBRA DO PATRIARCA.....	21
5- AS PERSONAGENS FEMININAS EM A SOMBRA DO <i>PATRIARCA</i>	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	36

INTRODUÇÃO:

Alina Paim, uma escritora Sergipana ainda pouco reconhecida no cenário literário brasileiro, mostra, em *A Sombra do Patriarca*, seu modo crescente, protuberante de escrever, pensando à frente de seu tempo. Talvez isso explique o fascínio de seus leitores ante o modo excepcional, contemporâneo, de sua escrita, que aponta ao surgimento de uma nova mulher.

Seu modo de representar, corajosamente, a vida humana em seu contexto social, sobretudo, a posição da mulher numa sociedade marcada pela dominação masculina, deve-se talvez ao fato de ter sido, a autora, uma mulher politicamente engajada. Paim foi militante do PCB, e, antes mesmo de se tornar membro oficial do partido, ela fez parte do Departamento Feminino do Comitê Democrático Botafogo- Lagoa, situado no Rio de Janeiro, e, em 1946 recebeu das mãos de Luiz Carlos Prestes (militante e político comunista, uma das personalidades mais influentes no país durante o século XX), o título de membro do PCB. Foi ela uma defensora das causas feministas, utilizando a literatura como artifício de luta pela igualdade social entre homens e mulheres, expressando, por essa via, sua ampla visão de mundo.

Outro aspecto a ser ressaltado na vida da autora diz respeito à sua história de vida, passada entre o interior Sergipano e a periferia de Salvador. Órfã de mãe com apenas sete anos de idade, morou com seus avós maternos, onde convivia com suas tias solteironas que a castigavam frequentemente. Já em Salvador, Alina Paim foi internada em uma Hospital Psiquiátrico (ALVES, 2015, p.164). Esses episódios da vida da autora, com certeza, contribuíram para o seu aprendizado, fazendo com que ela se espelhasse, não só em suas próprias experiências, mas, especialmente, nas lutas internas e externas do povo.

O seguinte trabalho, além de divulgar a obra literária de uma escritora brilhante, propõe uma reflexão sobre o papel da mulher no romance *A Sombra do Patriarca*, procurando-se aqui observar como as personagens femininas aí se configuram, como elas se comportam e se posicionam no contexto social representado na obra.

A liberdade criadora pressupõe limitações, associadas ao espaço e ao tempo em que se a exerce. Como diz Nicolau Sevechenko (1999), “todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo”. Assim, partindo desse princípio, se buscará aqui observar as relações que se estabelecem entre a vida da autora e a forma como ela

representa o feminino, efetuando uma crítica contundente à sociedade em que viveu e produziu a sua obra.

Em *A Sombra do patriarca*, como se busca demonstrar, observa-se o nascimento de uma nova mulher, que, vivendo em uma sociedade de tipo patriarcal, onde o poder se concentra nas mãos do Tio Ramiro, um tradicional senhor de engenho, que controlava os negócios e a família, em especial, as mulheres, que se encontram totalmente subordinadas às suas vontades e ao seu poder. Assim, Raquel (a protagonista), sobrinha do patriarca, ao chegar a Usina Fortaleza se depara com um ambiente opressor, onde todos são regidos pela vontade de um só. Nesse contexto, Raquel impõe um novo modelo de mulher, aquela que não aceita, de forma alguma, a soberania e, mesmo às custas de certa inocência, vai aprendendo, pouco a pouco, a lidar com suas questões pessoais, familiares e sociais, tomando, gradativamente, consciência do domínio desse senhor, que atinge a tudo e a todos com sua sombra.

Não só Raquel, mas também outras personagens como Donana, sua avó, mulher de pulso forte, que criou seus oito filhos sozinha, sem recorrer a Ramiro, e sempre esteve longe da sua sombra. Como relata a narradora, ela “sofreu e trabalhou, mas criou os meninos sem recorrer a ninguém, de cabeça erguida” (PAIM, 1945, p.133), Raquel tinha-a como exemplo. Além de Donana, destaca-se, no romance, a personagem Leonor, neta do patriarca, que, ao longo da história, torna-se aliada de Raquel. Apoiando-se no ideal da prima, Leonor deseja se libertar do jugo do patriarca. Dentre as personagens femininas, cumpre também destacar Dona Gertrudes, uma senhora que dá aulas particulares a Leonor, uma mulher de ideal, que acreditava à juventude o poder de transformar a situação presente. Assim, Leonor a descreve: “ela é baixa e morena. Não é bonita, mas torna-se simpática pela franqueza que se estampa em seu rosto e em sua atitude de gestos simples [...] encontra sempre a palavra que tem o poder de acalmar, de reabilitar[...]” (PAIM, 1945, p.89). Essas são mulheres que lutam pelo direito de serem donas de suas próprias vidas, no romance de Alina Paim.

Do lado oposto da balança, temos, em *A Sombra do patriarca*, a personagem Tereza, filha de Ramiro, totalmente submissa às ordens do pai. Raquel a descreve como mulher autoritária, que tentava dominar todos ao seu redor, inclusive a seu marido, Oliveira, homem de boa índole totalmente submisso à esposa e ao sogro. Desse lado, encontra-se ainda Amélia, esposa do patriarca, que, sempre silenciosa, somente observava, sendo asfixiada pelas vontades de seu marido, que nunca a perdoou por não ter lhe dado um filho homem. Essas mulheres tinham, em comum, o fato de viverem à “sombra” de um homem, tio Ramiro ou o patriarca.

Como se observa, Alina Paim destaca, nesse contexto marcado por relações de mando e submissão, a mulher que vai à luta, que enfrenta o poder patriarcal, promovendo uma mudança na ordem hierárquica dos valores familiares da época, mas também aquela que simplesmente ouve e abaixa a cabeça em todas as situações. *A Sombra do Patriarca* privilegia, portanto, as personagens femininas, expondo as incertezas e dificuldades de mulheres em situações diferentes.

O romance de Alina Paim busca representar, de certa forma, o processo histórico e evolutivo pelo qual passou a mulher no século XX, flagrando um momento em que, no Brasil, ela começa a ganhar espaço, tomando consciência dos seus direitos, fazendo suas próprias escolhas, e lutando por sua independência. Assim a personagem Raquel nos remete às mulheres atuais, que buscam, no seu infinito particular, forças para lutar, rechaçando a ideologia que as define com seres inferiores, bem como a dominação machista. Por outro lado, a autora expõe o reacionarismo de mulheres como a personagem Amélia, que, presas aos valores da sociedade patriarcal, endossam a ideologia machista dominante. A obra de Alina Paim expõe, dessa forma, um passado de submissão, de dependência, ao qual a escritora se opõe. Como ela mesma testemunha, Alina busca, com sua obra, expressar a sua própria visão de mundo sobre a mulher, procurando desmistificar as relações de mando no contexto patriarcal em que se deu a sua formação como escritora: “se sou feminista não sei, mas sei que sou verdadeira” (CARDOSO, 2009, p. 37).

Para o desenvolvimento deste estudo, foram de fundamental importância os estudos de Ana Leal Cardoso, que chama a atenção e faz pensar sobre a grandiosidade dessa escritora, que pensa a frente de seu tempo, rompendo com certo estado de coisas em que a mulher é sempre uma célula a menos, pondo em questão relações sociais e de gênero. Com base nisso, se buscou aqui de verificar o processo de construção dessas diferentes personagens, de forma a destacar como elas se relacionam entre si. Para esta reflexão, serviram, ainda como referencial teórico, os estudos de Antônio Cândido (2007) e Beth Brait (1985), sobre a personagem de ficção, bem como os estudos de Elódia Xavier (2007) sobre o corpo feminino no contexto patriarcal e de Pierre Boudieu (2002) sobre a questão da dominação masculina. Esses estudos tornaram também possível uma reflexão sobre o papel da mulher na atualidade, sobre seus avanços e retrocessos.

1- BREVE QUADRO BIOGRÁFICO

Natural da cidade de Estancia- SE, Alina Leite Paim nasceu em 10 de outubro de 1919 e faleceu em 28 de fevereiro de 2011. Ficou órfã de mãe muito cedo, devido a isso foi morar com seus avós maternos na cidade de Simão Dias, onde conviveu com quatro tias solteironas, que foram de grande importância para sua formação. Alina relata que apanhava bastante de suas tias, com exceção de uma, Laurinha, de personalidade afável, que faleceu quando Alina tinha apenas nove anos de idade.

Seus primeiros ensinamentos foram feitos por sua mãe, Maria Portela de Andrade Leite. Mesmo antes de frequentar a escola aos três anos, sua mãe começou a lhe ensinar o ABC e os numerais. Um fato interessante narrado pela própria Alina, foi uma aposta feita por seus pais: “minha mãe fez uma aposta com meu pai. Ele sabia que eu só iria à escola com seis, sete ou oito anos. Ela disse que me faria aprender a ler dentro de três meses. Caso eu não aprendesse desistiria, não me ensinaria mais” (SANTOS, 2008, p. 3). Após esse período, seu pai tomou-lhe a tabuada e o ABC, e Alina ia respondendo. Em entrevista ao jornalista Gilfrancisco, já com dificuldades visuais e auditivas, a autora disse que a mãe ensinava numa alegria enorme, quase brincando, e relatou também que ao comprar o ABC, a tabuada, uma lousa, lápis e um caderno, sua mãe comprou as coisas mais importantes da sua vida.

Alina tinha uma admiração imensa por sua avó paterna, Donana. Conforme relata a escritora, sua avó não tinha curso superior, mas era inteligente. Criou oito filhos homens, gostava de arte, teatro e de ler. Alina Paim iniciou seus estudos no Grupo Escolar Fausto Cardoso em Simão Dias, onde obteve ensinamentos religiosos e se destacou por seu desenvolvimento em português e matemática. Depois foi para Salvador estudar em um colégio interno. Um fato que mostra sua desenvoltura nos estudos se dá na ocasião em que houve, no colégio, a visita de um inspetor aracajuano, para algum tipo de palestra. Ao término, ele perguntou se alguém gostaria de se manifestar, explicando o que ele havia exposto na palestra, e a atrevida Paim deu sua opinião e explicou tudo o que tinha sido passado, e o inspetor abraçou-a e disse: “estou abraçando a menina mais inteligente dessa cidade” (SANTOS, 2008, p.5).

Sempre escrevendo bem e muito, Alina teve seus primeiros escritos publicados no jornalzinho da escola intitulado *Arco-íris*, e, mais uma vez, o atrevimento de Paim se destaca. Nesse jornalzinho, os textos publicados vinham assinados por pseudônimos de passarinhos ou de plantas, mas Alina insistia que o seu texto fosse assinado como Alina Leite: “ eu era gente e

escrevi”, alegava Alina. Assim, com as ordens da Madre Superiora, seu texto foi publicado no jornalzinho da escola, assinado por seu próprio nome.

Paim passou por uma fase obscura em sua vida, quando foi noiva de um estudante de medicina do Amazonas. Era do gosto dele que Alina fosse para Amazonas, entretanto essa ida não se deu, e em meio a tantas cartas que trocavam, um dia em uma dessas o médico terminava o noivado, alegando ser para o bem de todos. Ela ficou desorientada, doente, trancou-se dentro de si, e em meio ao sofrimento decidiu tirar a própria vida. Seu psicológico estava abalado, sua autoestima totalmente diminuída, então resolveu morrer, tentando uma overdose. Ela então foi levada para casa de saúde e, em seguida, para o Hospital de Reabilitação Psicológica, onde ficou internada. Sobre essa experiência, testemunha a autora:

Tinha uma cama branca, havia um colchão de plástico, um travesseiro também revestido de plástico, mas não havia cobertor. Era grande o quarto e não tinha mais nada. Ao fundo uma banheira, um bidê, um vaso sanitário e uma pia. Uma espécie de veneziana pintada e bem conservada [...]. Achei estranho, me deitei e fiquei sossegada, me controlei para não chorar. Levaram a minha comida e me deram um caneco [...], se eu quisesse mais água tinha que beber na pia. Estava exausta de emoção, fui dormir e antes chorei. Não tinha jeito, não tinha roupa, nada comigo só a roupa do corpo. (SANTOS, 2008, p. 8).

Nessa ocasião, ela conheceu seu marido, Isaías Paim, na época estudante de medicina que foi mandado para aplicar em Alina uma injeção rotineira. No dia 08 de janeiro de 1943, casaram-se, indo o casal morar no Rio de Janeiro. Sobre isso, depõe a autora: “em 13 e 14 de janeiro a mala e a papelada de livros estavam prontas para embarque, parecia uma livraria, eram 48 caixotes de livros”. Isso mostra o amor e a dedicação da autora pelas letras, pela leitura, pelo conhecimento, e, como a própria relata, pela escrita.

A partir daí sua vida tomou outros rumos. No Rio de Janeiro, construiu sua carreira política, engajada ao Partido Comunista do Brasil, antes de se tornar membro oficial do PCB, Alina fazia parte do departamento Feminino do Comitê Democrático Botafogo Lagoa, e em 21 de abril de 1946, foi nomeada por Carlos Prestes como membro oficial do PCB. Representou o partido em diversas ocasiões, como em Moscou, nas festas do primeiro de maio, em Montevideo na Conferência Interamericana pela Paz. Publicou contos no jornal *Momento Feminino*, órgão de imprensa dirigido por mulheres do PCB, que circulou de 1947 a 1956.

Daí por diante a vida da autora divide-se entre a política e a literatura. Seu primeiro romance publicado foi *Estrada da Liberdade* (1944), em que refletia a situação da mulher em diferentes espaços sociais. O romance foi bem aceito pelo público, tanto que sua primeira edição esgotou quatro meses após sua publicação. São também de sua autoria as obras *Simão Dias* (1949), *A hora próxima* (1955), *Sol do meio-dia* (1961), *A trilogia de Catarina* (1965) (composta pelos contos “O sino e a rosa”, “A chave do mundo”, e “O círculo”), *A sétima vez* (1975), *A correnteza* (1979), e *A Sombra do Patriarca* (1945), que será nosso alvo de estudo. No geral, suas obras tratam de temas ligados à política, à educação e às lutas trabalhistas no Brasil, sobretudo da luta das mulheres, apresentado os problemas por elas encarados em situações diferentes.

No romance *Estrada da Liberdade*, Paim conta a história de Marina, uma jovem de dezoito anos que sai da sua cidade natal, Simão Dias, no estado de Sergipe, ainda criança para ir morar em Salvador, onde se tornou professora e vai lecionar em um colégio interno. Ela se decepciona ao receber seu primeiro salário, um valor inferior ao que a protagonista pensara em ganhar. A narrativa mostra a desvalorização da mulher na sociedade, denunciada pelo salário que ela recebe, inferior ao do homem, mesmo que ambos exerçam a mesma função. Alina se mostra, com esse romance, como uma mulher à frente de seu tempo ao denunciar essa situação social, já que na época, a professora, não devia se preocupar com o valor do seu salário, mas sim com seus alunos: “A boa professora estaria muito pouco preocupada com seu salário, já que toda a sua energia seria colocada na formação de seus alunos e alunas” (CARDOSO, 2009, p.38). Sendo, a escola, o seu segundo lar, ela deveria exercer sua profissão por amor, não por interesse financeiro.

Dois dos romances de Alina Paim foram publicados fora do país: *A hora próxima*, na Rússia e na China, e *O sol do meio-dia*, na Alemanha e na Bulgária. Além das obras de temática adulta, a autora publicou alguns livros infantis como *O lenço encantado* (1962), *O chapéu do professor* (1966), *Luzbela vestida de cigana* (1963), *A casa da coruja verde* (1962) e *Flocos de algodão* (1966). Algumas de suas obras lhe valeram prêmios, como o Prêmio Manoel de Almeida da Associação Brasileira de Livros, com a obra *Sol do meio-dia*, e o prêmio Especial Walmap, no IV centenário do Rio de Janeiro, atribuído *A trilogia de Catarina*.

Alina Paim, uma mulher plural, mãe, escritora, militante partidária, feminista, lutadora e, sobretudo, simples. Os que tiveram a honra de conhecê-la, admiram-na, como relata o jornalista, pesquisador e professor Gilfrancisco Santos, que teve o prazer de entrevistá-la já no fim de sua vida, quando a autora já se encontrava idosa, com dificuldades visuais e auditivas e

saúde frágil. Sobre isso, depõe o entrevistador: “em pouco tempo de conversa pude observar a força que tinha aquela mulher de 88 anos, pela lucidez e o carisma. Sem dúvida uma mulher sábia [...] – o coração já está muito velho para suportar essas coisas, disse ela, sensibilizada, em voz mansa e pausada” (SANTOS, 2008).

2. A MULHER ESCRITORA FRENTE AS LUTAS SOCIAIS

Falar sobre a mulher, mostrar os problemas por elas enfrentados, denunciar a submissão, os maus tratos submetidos, seja a mulher que luta pelos ideais ou a mulher silenciada nem sempre foi tarefa fácil. O tema mulher foi e continua sendo provocante, e também curioso. A temática da mulher tem se tornado cada vez mais objeto de estudo. Isso se deve, entre outras coisas, ao desenvolvimento da mulher na sociedade. No Brasil, um marco dessa mudança foi a instituição da Lei Maria da Penha:

Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar (LEI 11.340, 2006).

O destaque da mulher, não só no campo literário, mas também em outras áreas, deve-se, em parte, ao movimento feminista das décadas de 1960 e 1970, cujo objetivo era desfazer a imagem de inferioridade, de fragilidade que a mulher carregava. A estudiosa de obras Paimianas das Universidade Federal de Sergipe, Ana Leal Cardoso, fez e continua fazendo estudos sobre autoras sergipanas. Pesquisas sobre a produção feminina, que investigam, analisam e divulgam autores esquecidos, ou nem reconhecidas.

Vale ressaltar, quanto a isso, que, no Brasil, o feminismo nem sempre foi bem visto. O que queriam aquelas mulheres levantando uma bandeira inútil, que não as levariam a lugar algum? O movimento feminista lutava pela ampliação dos direitos das mulheres na sociedade, o direito de escolher a profissão, ter um salário digno e justo, pelo poder de ingressar na Universidade, pois, restrita a um ambiente que não lhe fornecia meios de desenvolvimento social, a mulher não era dona do próprio destino, devendo se contentar em ser escrava do lar, a cuidar dos filhos e do marido. Sua educação era diferente da dos homens. Os homens estudavam história, geografia, matemática, latim, já a mulher aprendia artes, música, pintura, bordado, o que reforçava a sua imagem como ser frágil, talhado às tarefas do lar (CARDOSO, 2009).

As mulheres escritoras da segunda metade do século XX, que se atreviam a escrever, usavam pseudônimos, com medo das críticas. Ser feminista era colocar a cara para bater, pois as críticas, carregadas de adjetivos e recalques, expressavam a intolerância da sociedade a toda demonstração de insubordinação feminina:

Contrapondo-se a esse movimento, um outro, seu oponente, surge e traz em seu bojo uma reação tão eloquente, que transformou a imagem da feminista em sinônimo de “mal-amada” e “machona”. Por receio de serem rejeitadas, algumas escritoras, outras intelectuais, dispensaram tal título, contribuindo para que as novas gerações desconhecêssem a história das lutas das mulheres que, não obstante estarem com suas cabeças na “guilhotina”, denunciaram aquela discriminação, acreditando no relacionamento, justo entre ambos os sexos. (CARDOSO; GOMES, 2007 p.137).

Segundo o dicionário Aurélio, feminismo é um sistema que preconiza a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher ou a igualdade dos direitos dela frente ao do homem. No final do século XIX, quando a política e a economia começam a passar por transformações, a mulher, aos poucos, foi se destacando no cenário social. Era a hora de ser reconhecida, de lutar por seus direitos e tentar mudar um passado adverso. A mulher foi tomando espaço, saindo da zona de conforto e ocupando lugares e cargos a sua altura. Na literatura não foi diferente. A pesquisadora e crítica feminista inglesa Elaine Showalter, evidencia, na produção literária feminina, três etapas, que caracterizam bem a evolução das mulheres na sociedade, na fase que vai de 1840 a 1960: “a primeira [...] é uma etapa prolongada e se caracteriza pela imitação dos valores; a segunda, é uma espécie de ruptura [...], denominada feminista. E por último, a fase da autodescoberta [...], busca de identidade” (CARDOSO; GOMES, 2007, p.142).

3. A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ALINA PAIM E SEU CONTEXTO HISTÓRICO.

Segundo Ana Leal Cardoso, as obras de Alina Paim se dividem em dois momentos, o primeiro coincide com seu engajamento político junto ao PCB, apresentando grande teor social, característica que marcou suas publicações até 1961. Já o segundo é marcado pela introspecção, presente em seus últimos romances. Cardoso ainda chama a atenção sobre sua forma de pensar e escrever, caracterizando-a como uma mulher além do seu tempo:

Essa escritora sergipana cuja obra (ainda desconhecida nos meios acadêmicos), celebra a fertilidade da imaginação feminina e reitera a importância do papel da fantasia em nossos dias, soube de forma magistral, interpretar os signos culturais do nosso tempo. (CARDOSO, 2007, p. 143).

Paim, assim como outros escritores era livre para criar, e no seu caso, criar com uma convicção que a destacou. Porém é importante ressaltar que toda liberdade criadora tem suas restrições, quanto ao tempo, ao espaço e ao público que será alvo da criação. A esse respeito fala Nicolau Sevcenko:

A exigência metodológica que se faz, contudo, para que não se regreda a posições reducionistas anteriores, é de que se preserve toda a riqueza estética e comunicativa do texto literário, cuidando igualmente para que a produção discursiva não perca o conjunto de significados condensados na sua dimensão social. Afinal, todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo [...], a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover. (SEVCENKO, 1995, p.20).

As obras de Alina Paim se inserem no realismo de 30, no qual também se situam Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado, dentre outros. A propósito, a respeito de Alina Paim, depõe esse último:

Alina Paim é um nome que dispensa toda e qualquer apresentação. Não só o público brasileiro há muito a consagrou como uma das nossas melhores romancistas: também fora do Brasil sua obra tem repercutido com sucesso, em traduções que levaram seus personagens até as distintas plagas das línguas russas e chinesas. Entre os prosadores

surgidos em 1945, geração das mais significativas, seu nome é estrela de primeira grandeza. (Cf. ALVES, 2015, p. 168).

Sobre Alina Paim, também depõe o escritor Graciliano Ramos, amigo e admirador da autora:

Alina Paim chegou aqui [Rio de Janeiro] há quatro anos, tímida, novinha, com jeito de freira à paisana. O romance que nos deu pouco depois não revelava nenhuma timidez e, logo nas primeiras folhas, desmentia a aparência religiosa. Exibia até muita coragem, dava as coisas o nome verdadeiro, sem respeito exagerado às conveniências. A estreia recebida com louvores, jogou a moça na literatura. (ALVES, 2015, p. 169)

Na década de 30, o país passava por um momento de crise econômica, política e social, consequências da crise de 1929. A população se mostrava cada vez mais insatisfeita frente ao desemprego, à miséria, à manipulação política, própria da República do Café com Leite, o que provocou o golpe de estado que depôs o presidente Washington Luís e colocou Getúlio Vargas no poder. O país se encontrava em uma situação frágil e um novo estava por vir, como destaca Antônio Cândido, “foi um eixo e um catalisador: um eixo em torno do qual girou de certo modo a cultura brasileira, catalisando elementos dispersos para dispô-los numa configuração nova” (CANDIDO, 1984, p.27). A partir daí um antes e um depois foram configurados, uma espécie de união cultural foi formada, fatos regionais tomaram proporção nacional. Mudanças e ampliações ocorreram no setor econômico, político, artístico, literário, no rádio, nos livros, que, por sinal, tiveram um grande desenvolvimento, tudo ligado a um paralelo estabelecido entre o intelectual e o artista, entre a sociedade e o estado:

Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social, no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial a fisionomia do período. (CANDIDO, 1984, p. 28).

Nas artes e na literatura, a renovação foi mais significativa. Até 1930, a literatura era mais acadêmica, sendo marcada, segundo Antônio Cândido, por um purismo gramatical. Na década de 30, as literaturas regionais ganharam força, ressaltando as mazelas do povo pobre do Nordeste, que passava fome e necessidades, a seca que assolava, a falta de perspectivas popular, o poder centrado nas mãos de um patriarca, que dominava tudo e todos, o trabalho por migalhas, as injustiças, as lutas. Tudo isso feito com uma liberdade que não se podia antes. A literatura

apresentava uma visão renovada, não convencional do Brasil, pois os autores seguiam uma linha crítica, política e social. As lutas da esquerda política também tiveram lugar: “daí a voga de noções como “lutas de classes”, espoliação, “mais valia”, “moral burguesa”, “proletariado”, ligados a insatisfação difusa com o sistema social dominante. (CANDIDO, 1984, p. 31).

Alguns autores se voltaram para as formas de trabalho opressor, humilhante, revelando o patriarcalismo. Quanto à educação, Antônio Candido ressalta que, o livro passou a ser um instrumento da nossa cultura, cultura essa vista como direito de todos, em oposição ao que se observava anteriormente. A obra *A sombra do Patriarca* se insere nesse contexto de inconformismo e anticonvencionalíssimo.

4. A SOMBRA DO PATRIARCA

Narrado em primeira pessoa, pela protagonista Raquel, o romance *A Sombra do patriarca* trata de fatos ocorridos durante a estadia da personagem nas fazendas Fortaleza e Curral Novo, a partir das memórias da infância e da adolescência da narradora. Por meio de um *flashback*, Raquel rememora as situações de opressão impostas pelo senhor de engenho. De acordo com Ana Leal Cardoso, a obra reflete “as lutas de um conturbado período da história, estende-se como um quadro ‘pinturesco’ das vidas em conflitos, e vela nas entrelinhas do texto uma crítica a sociedade vigente” (CARDOSO, 2007, p.139). A autora chama a atenção para os acontecimentos históricos do período em que a obra se insere.

A sombra do Patriarca se apresenta como uma crítica ao sistema patriarcal, já antecipada pela escolha de uma temática que traz à tona as desigualdades sociais da época. Ao longo da obra, vão aparecendo particularidades do Nordeste, suas tradições, modos de falar, colocações típicas do nordestino, destacando-se a sua paisagem, “os canaviais”, “a Usina”, os “eucaliptos da baixada”, “a lama do brejo”, a “casa de palha”, o “quadro tosco de Senhor do Bomfim enfeitado de flores de papel desbotadas, preso no tapume de palha”, o “cajueiro”, o “vestido de chita”, a “casa de farinha”, a “pamonha”, o “bolo de São João”, esses entre outros termos aparecem na obra, mostrando as marcas de uma escritora nordestina. O estado da Bahia também é ressaltado, na passagem em que Raquel fala sobre a tempestade: “A tempestade esteve soberba naquela noite do Mangue Sêco. O mar rugia na barra do rio Real, e o vento carregando a areia, soterrava os coqueiros e mudava a disposição dos cômodos.” (PAIM, 1945, p. 162).

A autora dá lugar, em sua obra, sobretudo à mulher, mas ela não escreve somente sobre um tipo de mulher, aquela que pensa e reage contra as ideias machistas, mas também sobre aquela que é totalmente submissa, e que vive uma vida que não é sua, e que diz sim, a decisões tomadas pelo patriarca. Em meio à dominação masculina, Alina denuncia o jogo da dominação masculina por meio da representação de mulheres totalmente submissas, bem como de mulheres lutadoras, de comportamento crítico, em busca de seus direitos e libertação. Sem dúvidas a romancista buscou isso no feminismo, trazendo corpos em posições e pontos de vista diferentes na sociedade, e no meio familiar. De acordo com Elódia Xavier: “A teoria feminista tem, portanto, grande interesse, em trabalhar a questão do corpo, colocando-o muitas vezes, no centro da ação política e da produção teórica. São várias as posições feministas, que resultam, muitas vezes, em visões diferentes e até mesmo opostas.” (XAVIER, 2007, p. 20).

Conquanto distintas entre si, as personagens femininas, no romance em estudo, têm algumas características em comum: todas, absolutamente todas, vivem à sombra de Ramiro, o patriarca da família. É como se elas não tivessem vida própria e vivessem em um mundo dominado por Ramiro, onde tudo e todos estavam sob suas rédeas: “Tio Ramiro surgiu diante de meus olhos como um patriarca, sua sombra alongando-se pelas terras, extinguindo a felicidade em volta dele, porque seu dinheiro onde passava ia semeando maldição.” (PAIM, 1945. p.16). Era assim que Raquel interpretava seu tio, um semeador de maldição, onde o dinheiro e o poder passavam por cima de tudo, de qualquer sentimento ou respeito. Fisicamente, Raquel, sua sobrinha, o descreve como um homem poderoso, baixinho e mirrado, de pele queimada e cheia de pontinhos marrons, olhos fundos, cabelos ralos, lábios curtos e delgados, que mal encobriam seus dentes amarelos. Curiosamente, o homem poderoso era baixinho, velho e feio. “Nessa figura mirrada somente a voz impressionava, uma voz áspera, dividindo as frases com pausas ligeiras.” (CARDOSO, 1945. p. 19). A imagem de Ramiro, chega a ser contraditória: tanto poder em tão pouco tamanho.

Como fica dito, o patriarca adquiriu tudo o que tinha com muito trabalho. Herdou, ou melhor, tomou as terras ou melhor, praticamente tomou de seu pai o Velho Vergueiro, que antes era dono de todas as terras, era tido como um homem bom, de boa índole, soube aproveitar a vida, era dono do Curral Novo e da Fazenda Fortaleza, que ainda eram propriedades pequenas. Era esperto, trabalhador e inteligente, aos poucos foi crescendo, comprando mais terras e expandindo a produção do engenho. Com o falecimento da sua primeira esposa, vieram prejuízos, a seca assolando, a produção de cana-de-açúcar caiu, teve a preocupação em criar cinco filhos sozinho, mas depois da tempestade, veio a calmaria. O velho Vergueiro casou-se pela segunda vez, e desse segundo casamento, vieram mais três filhos.

A essa altura, Ramiro era o filho mais velho, que já tinha suas obrigações, cuidava sozinho do engenho, trabalhava duro, e já tinha um caráter exigente, como a obra traz, “de todos exigia o impossível”, esse é um ponto em que podemos notar o autoritarismo de Ramiro florescendo.

Nesta ocasião, seu pai, o velho Vergueiro, decidiu viajar, sim viajar, sair sem rumo. Para ele isso era uma forma de descanso, de fugir dos problemas, de se desapegar das coisas, e voltar, pelo menos por algum tempo a ser livre, a gozar a liberdade, aproveitar o sossego da vida. E essa viagem durou muito tempo, o velho Vergueiro passou dois anos desaparecido, e ao voltar deu a notícia que a Fazenda Fortaleza estava empenhada, dívidas e dívidas foram acumuladas. Ramiro, revoltado, brigou feio com seu pai, enfrentou-o, e jogou na cara do velho tudo o que

quis, dizendo que ele era um irresponsável, que não tinha vergonha na cara, abandonou a família, e os negócios, para viver ao léu, enquanto ele ficou a lutar pelo que seria dele futuramente. Este um ponto em que notamos o que Ramiro seria no futuro, ou o que ele já era, seu caráter já estava definido: autoritário e ambicioso.

A partir de então, pai e filho se tornaram inimigos, e quando a segunda mulher do velho Vergueiro morreu, a herança foi dividida, e claro Ramiro, exigiu que ficasse com o engenho, independente se estivesse hipotecado ou não, ele trabalharia para reergue-lo. Dono agora de papel passado, Ramiro manda com mais vontade, seus irmãos, eram verdadeiros escravos, para ele, com exceção de uma, Donana (avó de Raquel), mulher guerreira, a qual Raquel se espelhava, Donana ficou viúva teve de criar sozinha seus oito filhos, inclusive, todos homens e pequenos, lutadora, conseguiu criar seus oito garotos, sem precisar se humilhar para Ramiro, sem depender dele, de suas migalhas e fazendo-a de escrava.

5. AS PERSONAGENS FEMININAS EM A SOMBRA DO PATRIARCA.

O velho Vergueiro sentia orgulho de sua filha: “Donana sim, é minha filha, herdou minha natureza e compreende esta maneira de pensar. Só uma coisa saiu errada: ela não devia ter nascido mulher. Da raça é a única pessoa que poderá dá uma lição em Ramiro. ” (PAIM, 1945, p.133). Parando para analisar essa passagem, apesar da admiração que o pai (Velho Vergueiro) tinha pela filha Donana, percebemos uma espécie de preconceito contra a mulher, percebe-se também a eficácia da escritora Alina Paim, ao abordador a temática da mulher, como aos poucos, modestamente, ela foi construindo uma história, em que pequenos detalhes trazem uma crítica social.

Porque o velho vergueiro indagou que tinha algo errado? O que estava errado? Nascer mulher era um erro? Donana de fato era mulher, mas que em meio a tantos homens teve coragem e a inteligência de se libertar, de buscar ser isenta de uma dependência humilhante. Uma mulher frágil! Sim uma mulher, que não deixou de ser mulher, que casou, construiu família, mas que buscou exatamente em sua fragilidade, na fragilidade de seus irmãos homens, a coragem para ser independente, viver a vida que ela própria escolheu, não a que seu irmão escolheu para ela e para seus oito filhos, tornando-os escravos.

Partindo para a perspectiva de Elódia Xavier, nos estudos sobre a análise dos corpos femininos, como se comportam, como são representados, nota-se que Donana possui características próprias de um corpo liberado: “ A aceitação da “inconstância”, isto é, da fluidez, significa a liberação de esquemas predeterminados, coercitivos e repressores, própria de um corpo liberado. ” (XAVIER, 2007, p.179). Donana aceitou seu sofrimento. Mas um sofrimento inevitável, pois se dependesse do irmão, iria sofrer em dobro, e lutando com sua dignidade, de cabeça erguida, seria livre. Era humilhante ser escrava do próprio irmão, sua índole não iria se prestar a isso, portanto, ela buscou sua liberdade.

Conhecendo a biografia de Paim, chamamos atenção para o fato dela usar nomes, ou características de pessoas ou familiares, com os quais conviveu, em suas obras, dando por alto indicativos, que sua obra é memorialista. Donana era o nome de sua avó paterna, por quem Alina tinha uma admiração e afeto enorme. E na obra, a avó de Raquel, por ventura também paterna, se chama Donana, ambas tendo características em comum. Em entrevista Paim conta que sua avó apesar de não ter curso superior, era inteligente, guerreira, criou oito filhos, todos homens, sozinha pois ficou viúva quando o mais velho era pequeno, conseguiu formar um em medicina, e os demais seguiram a profissão do pai, criador de gado. Era uma mulher culta,

gostava de arte, de teatro, de ler, inclusive a levava para ver peças, óperas, e para comprar livros. A Donana da obra *A Sombra do Patriarca*, é avó da protagonista, e também é admirada pela neta, guerreira, criou também oito filhos sozinha, pois ficou viúva com os meninos ainda pequenos. Características comuns, que deixa explícito a admiração de Paim por mulheres lutadoras, tendo como modelo sua avó.

A sombra do patriarca se divide em duas partes. Na primeira, a história se passa na Fazenda Fortaleza, onde Raquel dá início ao seu autoconhecimento e ao conhecimento da família, sobretudo do patriarca. A imagem do espaço fazia referência ao dinheiro que Ramiro tinha, o maquinário, a casa, tudo era reflexo da cana, que era transformada em poder.

A casa grande com sua fachada de seis andares cercada pelas janelas de guilhotinas. Com os alicerces encravados no declive do morro, tinha a porta da sala de jantar abrindo para o jardim, diretamente, como se fosse de um só pavimento. [...] o céu azul estava sujo, um fumo negro emporcalhava o espaço com golfadas de baba peçonhenta. Eram vestígios da transformação da cana em poder, o sopro da fornalha onde se forjava o dinheiro do tio Ramiro. (PAIM, 1945, p. 81)

Para Raquel, aquele era um ambiente opressor, onde tudo girava em torno do poder, do dinheiro, que girava em torno dos canaviais e da usina. No seu particular Raquel referia-se a Usina como um mostro, um mostro que cuspiam cinzas, gerava sofrimento e ganância, ambiente ao qual ela queria se libertar, pois o clima de opressão, de desigualdade, e de injustiças o faziam mal.

O barulho das máquinas da Usina pede cana, com sofreguidão, e os homens trabalhavam como escravos, sem que a fome dos monstros de aço seja saciada. É um combate desigual, [...] sim, é um combate desigual, esse de uma multidão inerte contra as máquinas da usina onde se entrincheira a vontade de um homem apenas, do senhor das terras, do senhor dos canaviais. (PAIM, 1945, p.31).

Esse espaço não denuncia apenas o preconceito e o rebaixamento da mulher, mas também faz uma denúncia ao trabalho escravo, dos homens nos canaviais e na usina, em que tantos trabalhavam para apenas um enriquecer. Na segunda parte do romance ocorrida no Curral Novo, Raquel vai a procura da sua liberdade, ao contrário do que se observa em sua experiência na Fazenda Fortaleza, lá ela tinha tranquilidade, respirava bons ares, e bastou-lhe alguns poucos dias para conhecer e adquirir apreço pelo tio Olavo e pela tia Celina: “Três dias de permanência no Curral Novo tinham bastado para conhecer tio Olavo e gostar de tia Celina. Existia na casa

a simplicidade que papei não se cansava de gabar. Eu ficava horas esquecidas gozando em silêncio a paz que envolvia as pessoas e as coisas” (PAIM, 1945, p.120). Era um ambiente rural, arcaico. Raquel descreve a casa como uma casa grande, cercada de varandas, plantada no morro, a dominar a paisagem. Não existia um monstro a dominar o espaço, tudo era primitivo: “ seria preciso uma longa caminhada para o Curral Novo alcançar a Fortaleza”, reflete Raquel. E mais adiante:

Sentia uma alegria imensa de estar longe da Usina e da família de tio Ramiro. Minha alma não resistia a onda de esperança que a inundava. Entregava-me num abandono confiante a perspectiva de tranquilidade vinda do ar, do céu e das terras cobertas de vegetação. Olhava com ternura a trepadeira a insinuar-se na janela com um rebanto cujas folhas não tinham despertado de todo, ainda enrugadas e frágeis, medrosas do sol. (PAIM, 1945, p.124):

Raquel narra sua história, situando-a no tempo e espaço da memória. Ao longo do romance, ela conta sobre sua estadia na Fazenda Fortaleza e no Curral Novo, além de relatar momentos da sua infância e adolescência, histórias que, ao longo do enredo, vão se entrelaçando. De acordo com Antônio Cândido.

Quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. (CÂNDIDO, 1945, p.53).

A sombra do patriarca gira em torno do domínio de Ramiro sobre as mulheres da família e da luta de Raquel, que se insubordina a esse domínio. Estranha a esse ambiente, Raquel é praticamente obrigada por seu pai (Alfredo) a ir visitar o tio Ramiro: “ meu pai podia ter deixado de fazer esta visita, nada o obrigava a ir à Usina Fortaleza. Apenas uma questão de submissão”. Seu pai, mesmo morando longe, distante do olhar de Ramiro, também se submete à dominação do patriarca, expressando, em seu gesto, o receio de desagradá-lo. Isso mostra que o poder do fazendeiro se estende também aos homens da família.

Antes de chegar à fazenda Fortaleza e conhecer seu tio, Raquel foi instruída pelo pai a como se comportar, a não indagar, muito menos questionar absolutamente nada, pois Ramiro era exigente e reparava os mínimos detalhes, rejeitando radicalmente tudo que fosse contra sua vontade. Inclusive ela foi alertada para uma certa mania que seu tio tinha, a criação de sapos. Então, seu pai a previne para que ela não se espantasse ou questionasse a respeito dessa mania

inusitada. Para Ramiro os sapos tinham uma função específica: “São animais úteis, amigos do homem, devoram os insetos, defendem a terra. E quem quisesse velo furioso tangesse da sala um sapo com a vassoura; era como se estivesse batendo nele, machucando sua carne” (PAIM, 1945, p. 13). Todas essas recomendações projetaram em Raquel uma visão exótica de seu tio, o que a deixava mais curiosa ainda para conhecê-lo.

Na grande casa da usina, viviam, além do Patriarca, Amélia sua esposa, sua filha Tereza, com seu marido Oliveira e seus três filhos, Anita, Leonor e Abelardo. E ao redor de tudo aquilo uma sombra, uma sombra extensa cobria tudo e todos. Raquel chegou a fazenda Fortaleza de um jeito inocente, mas não lhe passava pela cabeça que sairia com uma outra ideia formada, aos poucos iria conquistar um amadurecimento, uma nova visão de mundo se formaria. Em pouco tempo de estadia, ela já percebia que tudo ali era mecanizado, todos eram como robôs manipulados por Ramiro, e a partir de então seus pensamentos iriam ser seu aliado, e sua arma para seu autoconhecimento.

Raquel era bastante pensativa, por fora uma moça aparentemente tranquila, por dentro, no seu particular, um turbilhão de sensações:

A vida mecânica foi interrompida e quando a sós comigo mesma, as primeiras horas de liberdade se encarregam de desvendar-me os verdadeiros fios da meada, que ligavam os fatos e mantinha unidos todos aqueles seres diferentes. Uma submissão humilhante lhes ditava como norma de conduta e fingimento. (PAIM, 1945, p. 19).

Seres diferentes ao mesmo tempo iguais que viviam fingindo, que não viviam suas vontades, pois o poder, fazia de Ramiro o dono de tudo e de todos. Como cita Elódia Xavier. “No seu orgulho de homem saído do nada, aquele gozo material da riqueza enchia-lhe a alma de uma espécie de heroísmo” (XAVIER, 1998, p. 18). Ramiro orgulhoso por ter dominado absolutamente tudo, enchia sua alma de heroísmo. Herói? Que tipo de herói humilha, maltrata e oprime? Só o próprio no seu eu, na sua alma gozava do prazer de ser um herói, um herói de poder. Durante sua estadia na fazenda, Raquel fica doente, isso faz com que sua estada se prolongue mais, e durante esse período ela pode observar todos que habitavam aquele lugar monótono, no qual se destaca a personagem Leonor:

Na família, apenas Leonor quebrava a monotonia, mas não podia ter a certeza ainda de que era diferente dos demais, de que pensava por conta própria. Sabia que era retraída e pouco comunicativa. Falava raramente e para dizer coisas essenciais, quase sempre em resposta à pergunta que lhe eram dirigidas. (PAIM, 1945, p. 23).

Observadora, Raquel ia traçando o perfil de cada um dos moradores da fazenda. Alguns conflitos se deram ao longo de seus dias na Fazenda Fortaleza, causados pela não aceitação de Raquel as submissões das mulheres daquela casa. Um dos primeiros foi com Tereza, que, segundo Ana Leal Cardoso (COSTA, L; ALMEIDA, M. 2010, p.4), representava a mulher como agente de violência. Tereza era cruel, apresentando-se como um espelho de seu pai, Ramiro. Opondo-se às ideias absurdas de Tereza, Raquel revolta-se com a prima, quando ela fala sobre o casamento, referindo-se a mulher como ser frágil e dependente do homem. Tereza acha que a mulher é feita para obedecer e que, sem quem a sustente, ela não pode ser feliz. Raquel busca forças no seu eu, perde por alguns segundos a timidez e entra em atrito com a prima, revelando o seu espírito transgressor:

Revoltei-me. Tereza estava em contradição consigo mesma. Era autoritária, tentava dobrar todas as pessoas em torno de si, até o próprio marido, e queria passar por uma criatura mansa e cordata, pregando justamente o contrário do que fazia na realidade. (PAIM, 1945, p. 39).

Raquel traça o perfil de Tereza, ressaltando a cegueira social que a caracterizava. A discussão com Tereza desencadeia a amizade de Raquel com Leonor, que se tornaram aliadas, pois ambas repudiavam o poder de Ramiro. Raquel fica surpresa, mas contente, ao mesmo tempo, por saber que tinha alguém naquela casa, naquele mundo, que pensava como ela:

Não teria acreditado se alguém me dissesse que aquela jovem, justamente uma neta de Tio Ramiro, me colocaria ombro a ombro com seus mais terríveis adversários, empenhadas juntas numa luta de vida ou morte para varrer do mundo os homens de seu tipo, para destruir os patriarcas e reduzir sua sombra a poucos palmos além de seus pés. (PAIM, 1945, p.56)

Juntas, as duas mulheres passam a idealizar uma vida fora dali; uma vida que fosse decidida por elas, pois até a profissão das mulheres de sua família era determinada por Ramiro. Raquel era professora, mas sonhava em ser advogada, mas ele dizia que advocacia não foi feita para a mulher, nem a advocacia, nem medicina ou a engenharia. Para o patriarca, a mulher tinha que tomar conta da casa, dos filhos e do marido. Quando muito, concedia-lhe licença para ser professora. O ponto de vista de Ramiro é causa de mais um conflito entre Raquel e seu tio. Tal conflito se dá à mesa de jantar, quando todos da família estavam presentes. Contudo, ninguém

ousa se manifestar, pairando no ambiente um profundo e perturbador silêncio, expressivo do grau de subordinação de todos ao patriarca da família.

Raquel, portanto, é mais um exemplo de corpo liberado, que, segundo Elódia Xavier, é representado pelas “protagonistas mulheres que passam a ser sujeitos de sua própria história, conduzindo suas vidas conforme valores redescobertos através de um processo de autoconhecimento” (XAVIER, 2007, p.167).

Aquele ambiente opressor fez com que Raquel se autoconhecesse, se redescobrisse, como fica sugerido na passagem seguinte: “Tenho necessidade de vencer minha timidez, de destruir esta inibição que trava minha língua quando sou humilhada, impedindo-me de responder como deveria, nas ocasiões em que dizem a meu lado coisas absurdas. Isto é terrível. Meu impulso é fugir das dificuldades, eu sou covarde. ” (PAIM, 1945, p.88). Raquel era uma lutadora, lutava contra a opressão de seu tio e lutava contra suas próprias falhas.

Convivendo, naquela casa, com aquela família, naquele ambiente inóspito, a protagonista se depara com a escravidão dos trabalhadores do canavial e da Usina, vítimas de humilhações e maus tratos.

Todos viviam em função do canavial e da usina e nem o canavial nem a usina lhe pertenciam, como não lhe pertenciam a casa que os abrigava e o chão que pisavam. Tendo acabado há muita escravidão, não eram donos de si mesmo. Pertenciam ao senhor da terra como os bois, cabras e galinhas [...] (PAIM, 1945, p. 156).

Raquel reflete então sobre a injustiça, crescendo a sua repulsa íntima pelo tio, a partir das humilhações e injustiças de Ramiro para com os seus empregados. Quanto a isso, a narradora destaca o ocorrido com Hilário. Hilário era “escravo” de Ramiro, e foi expulso da usina porque não estava cumprindo as ordens conforme se mandava, sendo obrigado a deixar a fazenda sem levar absolutamente nada, somente suas roupas. Hilário fugiu com a família para uma barroca de palha, e, para a sua subsistência, ia buscar, na fazenda, legumes por ele mesmo plantados. Ao saber disso, Ramiro, imediatamente, manda prendê-lo. Ao se deparar com essa demonstração cruel de humilhação, Raquel se revolta, mais uma vez, contra o poder patriarcal. Ela então compreende que, além de dominar a família e as centenas de pessoas que povoavam suas terras, “a sombra do patriarca se estendia sobre a justiça e a religião” (PAIM, 1945, p. 258). Assim, todos, temendo as consequências, endossam o poder do patriarca. Do contrário, seriam perseguidos ou massacrados pelo usineiro. Nesse contexto, o padre Coutinho, totalmente resignado às ordens de Ramiro, se destaca como exemplo a ser seguido:

Estamos satisfeitos com o Padre Coutinho. É um sacerdote digno, vive para sua igreja e para seus fiéis. Sempre amável, amigo da ordem e da submissão. Mostra aos trabalhadores seus justos deveres, apaziguando os animais, ajudando-nos a manter a tranquilidade” (PAIM, 1945, p. 84).

Indignada com essa situação, Raquel clama por justiça, lutando, em seu íntimo, para se livrar da influência do tio. A atitude da protagonista nos leva assim a refletir sobre o ponto de vista da autora, que projeta um novo olhar sobre a mulher, promovendo um debate sobre o machismo como marca da sociedade nordestina da época. Nesse romance, a personagem Raquel se revela como porta-voz das mudanças sociais que se efetuavam no âmbito mundial, refletindo os anseios da autora, que apresenta, em seu romance, uma fusão das experiências por ela mesma vivenciadas. A propósito, como lembra Antônio Cândido (2007), ”quando toma um modelo na realidade, o autor sempre acrescenta a ele, no plano psicológico, sua incógnita pessoal, graças à qual procurava revelar a incógnita da pessoa copiada” (CÂNDIDO, 2007, p. 65). Assim, Paim transmite, por meio da personagem Raquel, seus pensamentos, suas indagações, refletindo, no silêncio de Raquel, o seu próprio silêncio, da mesma forma que expressa, por meio da luta da protagonista, a sua luta incansável por justiça social.

Um outro exemplo de corpo liberado na obra *A Sombra do Patriarca* é o de Leonor, neta de Ramiro. Ela vivia sufocada, sendo, toda sua vida, baseada em escolhas feitas pelos outros, curvando-se às vontades de seu avô. Porém, ela carregava dentro de si a vontade de ir embora, de livrar-se de tudo. A vontade de ser livre vem à tona após o seu encontro com a protagonista, que a encoraja a expressar a sua revolta, tornando-se sua confidente. Acolhida pela prima, Leonor faz saber o seu ponto de vista sobre a sua situação familiar, confessando suas frustrações: “Não gosto de obedecer, fico calada quando recebo uma ordem, mas a raiva vai fermentando dentro de mim, dias e dias” (PAIM, 1945, p. 47). Seu plano era libertar seu pai Oliveira, homem bom, porém covarde e submisso. Leonor pensava em ir embora e levar seu pai junto, libertando-o do julgo do sogro. Leonor também se espelhava em D. Gertrudes, sua professora particular, uma simpatizante dos ideais comunistas. Assim, em conversa com Raquel, confessa a jovem Leonor:

Sem saber, eu também era comunista [...] escutando suas explicações sobre os fenômenos sociais, indagando as causas da miséria e da injustiça e os meios de remediá-los, fui me tornando consciente. Estudei muito e continuo a estudar, as coisas tornam-se claras, muito claras diante de nós. Há uma visão nova de tudo, começamos

a educar-nos outra vez, porque nada do que nos havia ensinado serve para orientar nessa caminhada. (PAIM, 1945, p. 205).

Leonor tinha os ensinamentos e o apoio de D. Gertrudes, e esperava sua liberdade com firmeza e perseverança, sempre adquirindo mais conhecimento, enquanto sonha em um dia, ter uma família de verdade. Além dessa vontade, mais que vontade essa meta de ir embora da Fortaleza, livrar-se da sombra de Ramiro e de todos aqueles que viviam de mentira, Leonor tinha, como plano, casar-se com Carlos, filho de D. Gertrudes, com que mantinha um relacionamento secreto. O apoio de Carlos, de D. Gertrudes e de seu pai, Oliveira, dão-lhe força para enfrentar a sua condição social precária. Quanto a isso, confessa Leonor: “Não me sentia sozinha como antigamente, sabia que, se vovô era hostil, mamãe dissimulada e Anita presunçosa, eu tinha em compensação o amor de Carlos e a afeição de papai” (PAIM, 1945, p. 163).

Diferente de seus irmãos, Anita, mocinha inteligente e dócil, que estudava francês e piano, e seu irmão Aberlado, o mais novo, de uns dez anos, Leonor os vê como bonecos nas mãos do avô. Sendo Anita a preferida da casa, Raquel a descreve como uma criança de cachinhos castanhos, risonha e estragada de mimos, contudo, era monitorada por sua mãe, que controlava até os livros que ela lia, mostrando-se, uma menina, obediente a suas vontades. Certa ocasião, queimou um livro que Oliveira deu para Leonor, com a justificativa de que se tratava de uma literatura perigosa, que atrapalharia a educação da garota. Anita é um bom exemplo de corpo disciplinado, de que trata Elódia Xavier em seus estudos: “É verdade que, no caso dos corpos disciplinados e dóceis, os procedimentos são mais rigorosos e evidentes, incluindo, punições e prêmios” (XAVIER, 1945, p. 59).

Bem comportada aos olhos da mãe, Anita se submete a uma educação rigorosa, tornando-se dela dependente em todos os sentidos: “não sei fazer nada longe da mamãe. Não leio um livro sem primeiro consultá-la, nem sinto prazer quando escolho um vestido sem sua presença”. Tereza criava a filha para, no futuro, ser submissa ao marido, orgulhando-se da forma como a menina se conduzia, seguindo seus passos sem os questionamentos inoportunos da irmã:

Quando casar, o marido tomará meu lugar na orientação de sua vida. A mulher sem alguém que a sustente nas dificuldades, sem um punho forte que a domine, não pode ser feliz. A mulher foi feita para obedecer, sua vontade foi talhada para curva-se diante de outro mais forte. (PAIM, 1945, p. 39).

Anita, portanto, era um reflexo do que sua mãe queria que ela fosse, e isso transcendia em seu plano físico, social e psicológico. Já Aberlado era o neto querido de Ramiro: “Aberlado será o meu continuador, seguirá engenharia e, no futuro, tomará conta das terras”. Como se observa, o futuro do garoto é previamente definido pelo avô, a quem o garoto seguia em suas visitas à usina e ao canavial, sendo, para isso, forçado pela mãe. Assim, o menino reproduz, irrefletidamente, o discurso do patriarca, a quem está destinado a substituir no futuro projetado pela mãe. A propósito, diz o garoto, certa ocasião, quando Raquel lhe pergunta sobre as atividades do dia: “Acompanhei vovô aos canaviais e fomos até as margens do rio. Toda as manhãs vovô passa uma revista no trabalho, porque, você sabe, onde ele não está nada se faz direito” (PAIM, 1945, P. 101). Percebe-se que, a despeito de sua ingenuidade, Abelardo se subordina à ordem patriarcal, sendo, por ela, manipulado, o que o leva a reproduzir as atitudes do avô. Provocativa, Raquel questiona se ele não sentia falta de brincar como outras crianças de sua idade. O garoto vacila na resposta, mas, reprime-se, contornando a questão com uma evasiva. Raquel instiga-o um pouco mais:

Então você gosta mais do ginásio do que das férias? Abelardo, desconfiado, confirmou que não e mais uma vez com uma certa arrogância exclamou: vou satisfeito para a usina e os canaviais, mais adiante tomarei conta de tudo. Acompanhando vovô, conhecerei as terras e saberei os segredos da nossa usina. Um bom engenheiro... (PAIM, 1945, P. 100)

Outra personagem digna de nota é Amélia, esposa de Ramiro. Toda simbologia da personagem Amélia expressa-se em seu rosto, mais precisamente em seu olhar. “Há um universo simbólico que se desprende da aproximação entre mulher e a aceitação, no mais expressivo de nossos contatos com o mundo: o rosto [...] Só a arte pode ficar num rosto, e para sempre, um momento de compreensão iluminada.” (XAVIER, 1998, P. 11). Amélia representa o corpo submisso em sua forma mais bem acabada, sendo totalmente anulada pelo marido, que não lhe perdoa o fato dela não ter concebido um filho homem, que lhe perpetuaria a espécie. Raquel a descreve como uma mulher submissa, de cabelos brancos esticados e lábios trêmulos (PAIM, 1945, P. 17). Seu silêncio refletia, no seu olhar, aquilo que ela, por medo, deixava de falar. Sua presença causava, em Raquel, certo mal-estar, como se seu olhar intenso, vivo, a vigiasse constantemente. Apesar de viver sufocada pelas vontades do marido, ela era esperta e, ao mesmo tempo, calma. Amélia é um exemplo de corpo invisível, produto de uma cultura repressora. Elódia Xavier (2007) define o corpo invisível como um corpo inexistente, que não

pode definir seu próprio destino. À Amélia era dado somente o direito do olhar, suas opiniões eram guardadas apenas para si.

Outra personagem que se destaca no romance é Tereza, filha de Ramiro. Mãe de três filhos e esposa de Oliveira, Tereza era uma cópia feminina do pai, sendo descrita, por Raquel, como uma pessoa arrogante, mandona, estúpida e autoritária. Manipuladora, ela humilhava o marido, usando o filho mais novo para obter vantagens do pai: “Ela faz de seu filho uma arma, já que foi a única que deu a Ramiro um herdeiro digno de prosseguir a sua obra, um homem, e Tereza se aproveita disso, gosta de ser igual ao pai e ensina a todos os filhos as suas ideologias patriarcalistas” (ALMEIDA, 2007, p. 4). Tereza é também um exemplo do corpo disciplinado, pois fixou em si todas as regras ditadas por seu pai: “As regras impostas convivem com a noção de coerência sem solucioná-las, impedindo, porém, a sua desintegração. Trata-se ainda de um corpo previsível (XAVIER, 2007, p. 58), uma vez que se move previsivelmente em direção às regras impostas pelo pai. Em uma das passagens do romance, Raquel a descreve da seguinte forma:

Um riso pairava em seus lábios como se ela estivesse acima de todas as coisas, passasse sobre a natureza e as criaturas, inatingível aos golpes e invulnerável na sua couraça de orgulho, em sua embriaguez de domínio. Era da raça de tio Ramiro, em suas veias corria o sangue do patriarca. (PAIM, 1945, p.112).

Fora do ambiente familiar, a sombra opressora de Ramiro se estendia atingindo diversas pessoas, mais especificamente as mulheres, a exemplo da ex-escrava Lucrécia. A velha senhora que viu Raquel nascer, tendo convivido com sua mãe, foi vendida ao velho Vergueiro. Porém, depois que Ramiro passou a mandar, Lucrécia se vê vítima da desgraça e da humilhação. Sendo surpreendida pela ausência do marido quando retorna a fazenda Fortaleza e descobre que ele havia sido vendido para trabalhar nas lavouras de café. Já idosa e sozinha, Lucrécia retorna ao Curral Novo, tornando-se parteira:

Os olhos miúdos e amarelados da velha Lucrécia tinham visto muita coisa, sabiam de muita desgraça. Muitos ventos tinham soprado sobre as matas desde que ela pisava o mundo. A vida era dera muitas voltas e nada conseguira arrancá-la das terras do Curral Novo. Suas raízes eram profundas, deviam confundir-se com as dos eucaliptos da baixada e, alastrando-se até a lama do brejo, eram enterradas mais e mais, noite a dentro, pelas marteladas de batalhões de sapos ferreiros. (PAIM, 1945, p. 146).

Lucrécia conhecia como ninguém a malvadeza de Ramiro, e o destino fez questão que a vida da ex-escrava se concluísse ali, sob a sombra do “Sinhô” Ramiro. O encontro de Raquel com Lucrécia foi fundamental para o seu autoconhecimento, para a compreensão das relações entre seu pai e sua falecida mãe, e para uma melhor percepção de quem era seu tio.

Outra personagem feminina atingida pela sombra do patriarca é D. Joana Louceira, senhora humilde que trabalhava fazendo louça e carregava a ilusão de ser livre, por não precisar depender das migalhas de Ramiro. Pariu oito filhos, mas cinco morreram, vítimas da miséria e da fome. As doenças mataram mais da metade de seus filhos. Joana dizia que preferia a olaria, mesmo com o calor do fogo no seu corpo assando a louça, mesmo o dinheiro sendo pouco, do que trabalhar como escrava em terras que não eram suas. Porém a sombra do patriarca continuava a persegui-la, perpetuando-se a relação de semiescravidão que molda a sua triste existência: “como pudera escolher, se para todo lado que olhasse o horizonte era o mesmo – miséria e servidão?” (PAIM, 1945, p. 171).

Tanto a velha Lucrécia quanto Joana Louceira, são exemplos de corpos subalternos. “Esse corpo subalterno é um corpo violentado pela fome, pela miséria circundante, pela degradação do espaço, pela reificação” (XAVIER, 2007, p. 48), fazendo dessas mulheres objetos da dominação patriarcal:

A lei de suas vidas era impiedosa: dar tudo em troca de muito pouco, ouvir toda espécie de humilhação sem o direito de dizer nada, arrebentar de trabalhar e não chegar nunca a possuir um pedaço dessa terra que os prendia com a força de raízes, com a segurança de cadeias. (PAIM, 1945, p. 171)

Como já foi dito, as personagens femininas, traçadas por Alina Paim, possuem caráter distintos, não obstante se relacionem entre si, estabelecendo-se entre elas um traço comum. Ora submissas ou silenciadas, sejam manipuladas ou idealista e lutadoras, delicadas ou arrogantes, todas elas, sem exceção, vivem à sombra do poder patriarcal de Ramiro. Esse leque de personagens femininas, sem dúvida, ilustram a riqueza ficcional de Alina Paim, que, por meio delas, realiza a sua denúncia social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance *A Sombra do Patriarca*, Alina Paim expõe, de maneira contundente, os problemas enfrentados pelas mulheres no âmbito da sociedade patriarcal.

Ao representar o feminino em suas mais diversas facetas, a autora realiza a sua denúncia ao status que, rompendo com os valores machistas, patriarcais, próprios da sociedade nordestina na primeira metade do século passado.

A forma como Paim traz à tona personagens com metas, com sede de justiça, chama a atenção pelo fato dela se mostrar tão à frente de seu tempo.

Dessa forma, a autora contribuiu significativamente para que pensemos as conquistas femininas como produto de uma luta, que não ocorreu da noite para o dia, de forma mágica, mas se desenvolveu ao longo do processo histórico, ganhando expressão no século XX, em meio às transformações impostas pela modernidade.

É precisamente isso que Alina Paim demonstra em seu romance, no qual temos uma demonstração expressiva da luta de mulheres que, para se livrarem do jugo masculino, tiveram que desafiá-lo, expondo-se a dor e a humilhação. Atualmente convivemos com mulheres como Raquel que fazem a diferença no mundo, lutando por suas ideias e convicções. Infelizmente ainda conhecemos mulheres que simplesmente abaixam a cabeça e dizem sim a todas as formas de violência a que lhe submetem a dominação masculina, ainda significativa em nosso meio social. Mulheres Amélias, silenciadas e humilhadas em meio ao jogo da dominação social, o que, dentre outros aspectos, nos permite afirmar a atualidade e a relevância da obra controversa da sergipana Alina Paim.

REFERÊNCIAS

ALVES, Iracélli da Cruz. **A política no Feminino: Uma história das mulheres no partido comunista do Brasil – seção Bahia (1942-1949)**. Dissertação de mestrado apresentado ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana. UEFS, 2015. Disponível em:

<<http://www2.uefs.br/pgh/docs/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Disserta%C3%A7%C3%A3oIracelli2.pdf>>. Acessado em: 23 jan. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

BRASIL. **Lei nº 11.340. De 7 de Agosto de 2006**, que mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm >. Acessado em: 29 mar. 2017.

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectivas, 2007. (Coleção debates; 1/ dirigida por J. Guinsburg).

CANDIDO, Antônio. **A revolução de 1930 e a cultura**. São Paulo. Novos Estudos Cebrap, 1984.

CARDOSO, Ana L. Marcas do feminismo em Alina Paim. In: CARDOSO, Ana L.; GOMES, C.M.S. (orgs). **Do imaginário às representações na literatura**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2007.

CARDOSO, Ana Maria Leal. **Uma leitura feminista da narrativa de Alina Paim**. In: Silva, Antônio de Pádua. Questões de gênero. Campina Grande: EDUEP, 2007.

FARIAS, Rafaela Felex Diniz Gomes Monteiro. **Família e Disciplina: A sombra do Patriarca e os seus Duplos**. Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura, São Cristóvão/ SE, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa* / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição Marina Baird Ferreira. – 8. Ed. – Curitiba: Positivo, 2010. p. 345.

GILFRANCISCO. **A romancista Alina Paim**. Aracaju: GFS, 2008. Disponível em: < <http://www.arquivors.com/gilfrancisco7.htm> >. Acessado em: 23 jan. 2017.

GILFRANCISCO. **A redescoberta de Alina Paim**, 2008. Disponível em: < <http://www.cronopios.com.br/content.php?artigo=9360&portal=cronopios> >. Acessado em: 07 mar. 2017.

GOMES, Carlos Magno. **Marcas do feminismo em Alina Paim**. In: *Do imaginário às representações na literatura*. São Cristóvão: Editora da UFS, 2007.

PAIM, Alina Leite. **A sombra do patriarca**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1950.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira república**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. Disponível em: < <https://www.passeidireto.com/arquivo/23264022/nicolau-sevcenko---literatura-como-missao-tensoes-sociais-e-criacao-cultural-na-> > Acesso em: 23 jan. 2017.

VALDEMAR CALVALCANTE. Alagoas, 05 de março de 2016. Por Ticianeli. Disponível em: < <http://www.historiadealagoas.com.br/valdemar-cavalcanti.html> > Acesso em: 30 mar. 2017.

XAVIER, Elódia. **Declínio do Patriarcado – a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Rosas dos Ventos, 1998.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? – o corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.